

PRA(Z)SER COMPARTILHADO

Maria do Amparo Rocha Caridade¹

SHARED PLESURE TO BE SHARED

Resumo: Reflexões sobre a qualidade da relação amorosa e como ela transita pela dimensão da igualdade de direitos entre homens e mulheres. A relação desigual sedimenta-se na dominação-submissão, no aprisionamento. A busca da igualdade exige um profundo respeito pelas diferenças, a começar pelas diferenças fisiológicas. O homem atual não precisa cobrar-se ser herói, viril, macho ou vencedor. A mulher atualizada quer o compartilhar do prazer na igualdade.

Palavras-chave: Igualdade. Direitos. Gênero. Prazer.

Abstract: Discussions on the quality of loving relationship and how it flows thought the equal rights issue between men and women. Domination-submission and imprisonment are the grounds for the unequal relationship. The pursuit of equality requires a profound respect for differences, beginning with physiological differences. The contemporary man does not need to be a hero, virile, male or winner. In our days woman is looking the sharing of pleasure in equality.

Keywords: Equality. Gender. Rights. Pleasure

Homens e mulheres deparam-se com exigências novas acerca da vivência do amor e do prazer. Elas avançam num processo de conscientização do direito que tem do prazer e são estimulados para mudanças de atitudes frente ao modo de viver a relação e para o “desempenho sexual.” São sinais de um novo tempo, quem sabe, promissor de gestos novos, de pessoas novas, e conseqüentemente de novas formas de viver a sexualidade.

Essa vertente que se evidencia na forma atual de relacionamento sexual merece análise dos aspectos que podem facilitar ou dificultar o processo. O prazer masculino situa-se num contexto novo que por vezes embarça o homem, e até impede-lhe o funcionamento satisfatório. A mulher atualizada quer o compartilhar do prazer na igualdade. Isto implica uma concepção diferente de ser homem, de ser bom parceiro. A virilidade já não se basta por si só, por sua capacidade erétil e orgástica. O homem atual exige muito mais dele mesmo. Ele cobra-se o prazer feminino, a felicidade erótica da companheira. Passa da cobrança de virilidade que a cultura machista lhe impôs, para a autocobrança de fazer a mulher

· Artigo publicado na **Revista Sexus – Estudo Multidisciplinar da Sexualidade Humana**, 2(5), 1990, p. 5-6.

Publicação do NUDES - Núcleo de Sexologia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Europa Gráfica e Editora.

¹ Psicóloga clínica. Mestre em Antropologia. Prof. Adjunta da Universidade Católica de Pernambuco. Membro fundador do ISES - Instituto de Sexologia e Educação Sexual, em Recife.

sexualmente feliz.

A sucessão de cobranças pode ser geradora de equívocos. Ninguém pode ser responsabilizado pelo prazer do outro. Diria mesmo que ninguém dá o prazer a ninguém. Ele está em cada um de nós, mas precisa do outro para atualizar-se, para ser vivido plenamente. Sem essa compreensão as mulheres correm o risco de continuar aguardando o prazer “doador” pelo companheiro, e os homens podem cometer o equívoco de sentirem-se agentes do prazer feminino – o que poderia redundar numa nova forma de controle e dominação. Somos desencadeadores do prazer um do outro, mas não responsáveis por esse prazer. O prazer sexual não se dá nem se recebe, mas se compartilha. Que a história não suscite novos equívocos que se interponham entre as relações homem-mulher.

A qualidade da relação amorosa passa pela dimensão igual, condição única para se viver a plenitude da afetividade. Amar é libertar, é respeitar o espaço do outro, e a busca da igualdade é essa busca de liberdade que lhe é subjacente. A relação desigual sedimenta-se na dominação-submissão, no aprisionamento, na negação da liberdade. Aí não há lugar para o amor. Este só acontece no encontro dos iguais, onde um não manipula o outro, apenas o deixa ser, como um por de sol que se contempla.

A busca da igualdade exige um profundo respeito pelas diferenças, a começar pela diferença fisiológica. Mas “a diferença dos corpos não gera a diferença dos poderes” diz bem C. Oliver. A diferença de direitos e poderes é por excelência marca do cultural. Ela se mantém sob a lei não escrita, mas que oprime com muito rigor. A norma escrita, a Constituição, por exemplo, até anuncia, afirma, propõe que “Somos todos iguais perante a lei”, mas é aquilo que não está escrito em lugar algum, mas que a sociedade inteira vigia, controla, censura, avalia, o que mais nos oprime.

Postular a igualdade de poderes e direitos na diferença dos sexos é geralmente considerado insensatez, utopia, sonho irrealizável, subversão da ordem estabelecida. A história da humanidade tem revelado que a construção da igualdade sempre enfrentou sérios entraves. Embora a palavra “igualdade” recheie o repertório de signos das mais diversas teorias, tem se tornado na prática cotidiana, um palavrão. Seus mensageiros sempre foram olhados com suspeita, e até tratados como seres indesejáveis. O grande exemplo disso é Cristo que postulou sermos iguais perante seu pai. Isso implicava, no contexto de sua mensagem, que o negro é igual ao branco, que mulher é igual a homem, que pobre é igual a rico, que homossexual é igual a heterossexual. Iguais na essência, porque humanos, e como tal,

merecedores de respeito e consideração. Foi demais para os poderosos. Cristo pagou caro pela mensagem.

Falar de igualdade sempre deu problema, mas com certeza é a mensagem mais empolgante e mais ameaçadora que os oprimidos anunciam ao mundo.

Em matéria de amor o homem atual não precisa cobrar-se ser herói, viril, macho ou vencedor. É preciso antes de tudo aprender a ser igual, a compartilhar, a exercitar a reciprocidade, a desejar a mutualidade. Importa compreender que na igualdade a relação é mais profunda para ambos, o encontro se dá e o prazer é mais intenso porque se torna possível uma entrega maior.

Pertencemos a uma cultura que genitalizou a sexualidade. Com isto impôs-se o quantitativo orgástico como meta de felicidade erótica para todos. Os *sex-shops* venderam mais em função de mais orgasmos. As casas de massagem, saunas e os protibulos idem. Viktor Frankl admite, contudo que a pressão de maior consumo sexual, sem partilha amorosa, prejudica a potência. Cuidou-se da quantidade orgástica e se descuidou da qualidade do prazer. Superficializou-se a relação, minimizou-se o encontro. Sem dúvida o orgasmo tem importância ímpar em nossa vida e em nossas relações, mas é preciso que não nos submetamos à cobrança de sua vivência como única condição de normalidade sexual. O quantitativo orgástico tão enfaticamente cobrado é um torcicolo cultural, apelo de uma sociedade consumista como a nossa. Que a eficiência orgástica não se sobreponha a dimensões tão importantes como a felicidade, o bem estar, o respeito, a realização entre parceiros.

A busca do amor, do prazer maior fora da igualdade é o maior equívoco. Sem dúvida muitas situações prazerosas são vividas sem essa exigência, mas quero destacar a *relação* mais profunda e significativa do prazer no encontro entre as pessoas. Não se pode reduzir a imensa potencialidade sexual humana a uma agradável mecânica, mas que é insuficiente para a explosão dos seres em consciências, em mutualidades. O prazer é indispensável para o ser. Precisamos do prazer para (ser) em totalidade. É assim que conclui Luiz Nazário (1987): *“Quando o amor acontece entre dois seres conscientes as conseqüências são infinitas.”*

Referências bibliográficas:

- FRANKL, V. **Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia**. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.
- NAZÁRIO, L. **Sexo** - A alienação do desejo. São Paulo: Brasiliense. 1987.
- OLIVER, C. **Les Enfants de Jocaste**. Paris: Denoel Gonthier, 1980.
-